

ESCRITA COLETIVA: POSSIBILITA AVANÇOS NA CONSTRUÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA PELOS ALUNOS

Laisa Conceição Ribeiro (Pedagogia - FACCAT)
Prof^ª. Dr^ª. Luciana Ferreira Leal (Orientadora)

RESUMO

A objetividade desta pesquisa realizada em uma sala de Educação Infantil é mostrar como as crianças avançam em suas hipóteses de escrita e como isso acontece por meio da prática de escrita coletiva, observando como as mesmas aprendem, sendo as protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem. Haja vista que esta prática ainda é pouco utilizada nas escolas, como um recurso para a alfabetização. Consideramos que este conceito poderá ser transformado a partir do momento que os educadores compreendam o quanto esta prática auxilia no processo de aprendizagem dos alunos. Cabe ressaltar aqui que o objetivo dessa atividade de escrita coletiva na Educação Infantil não é o de levar esses alunos a concluir essa etapa de escolarização já alfabetizados. É permitir que eles tenham acesso ao mundo da escrita, já que o mesmo faz parte do cotidiano das crianças. Salientando que essa situação não foi imposta obrigatória, e sim de forma espontânea, significativa à realidade dos alunos, dentro de um contexto social.

Palavras-chave: escrita coletiva, hipótese de escrita, avanço, interação.

INTRODUÇÃO

Abordaremos nossa atuação no desenvolvimento de atividades didáticas relacionadas ao ensino inicial da leitura e da escrita numa sala de Pré II, na Escola de Educação Infantil Sonho de Criança. Para tanto, elaboramos um conjunto de atividades, às quais, no momento de sua aplicação, foram filmadas para posterior análise e reflexão.

Os objetivos dessa investigação são: analisar como as crianças desenvolvem a noção de sistema de escrita por meio da prática de escrita coletiva; e compreender de que forma a escrita coletiva possibilita avanços na aprendizagem dos usos e práticas sociais do ler e escrever. Por essa razão, partimos do princípio de que aprendemos especialmente em colaboração uns com os outros e, por isso, a escrita coletiva pode favorecer a interação entre os alunos em situação de aprendizagem, que eles avancem, cada vez mais, em suas hipóteses sobre a constituição do código linguístico.

Em relação ao material de apoio teórico para essa investigação, encontramos um déficit muito grande. No conjunto das publicações e produção acadêmico-científica sobre alfabetização, é bastante restrito o número de trabalhos que se proponham a analisar o uso da escrita coletiva em atividades de ensino de leitura e escrita. Por esse motivo, ficamos ainda mais instadas a desenvolver essa investigação, pois ela poderia nos possibilitar contato com uma situação didática bastante utilizada, mas pouco questionada e analisada do ponto de vista da pesquisa.



Para a realização da pesquisa didática foi necessário, de início, um estudo sobre a prática de escrita coletiva e, para isso, fizemos algumas leituras, como a do texto “Construção de escritas através da interação grupal” (1987), de Ana Teberosky. A partir desse texto, elaboramos um conjunto de atividades, sob a supervisão do professor responsável pela turma (professor regente¹). Antes de iniciarmos a prática e a filmagem, entrevistamos o professor regente, para então, analisarmos as suas concepções a respeito da prática da escrita coletiva.

A partir da gravação da aula planejada, fizemos a transcrição das falas das crianças e do professor para analisarmos as situações de reflexão sobre o sistema de escrita, por parte das crianças, as interações entre elas, as intervenções do professor e os fatores que ajudaram aos alunos avançar. Portanto, nesta pesquisa iremos abordar o desenvolvimento dessa atividade e a reflexão dos alunos sobre o sistema de escrita.

1. ESCRITA COLETIVA

A construção do sistema de escrita pelo aluno requer aproximações sucessivas com o objeto de conhecimento, no caso o código, e essas aproximações se tornam muito mais produtivas quando podemos possibilitar a interação entre os alunos que estão construindo a base. Segundo Teberosky (2003, p. 77), “[...] o desenvolvimento e a aprendizagem são processos de construção de conhecimentos, mas é evidente que esta construção não ocorre por acaso, mas em um contexto social, na interação com outros participantes”.

Dessa forma, quando o professor propõe aos alunos um trabalho por meio de uma sequência didática, esse trabalho possibilita intensa participação, pois sabem o que vai acontecer, desde o ponto de partida, até o ponto de chegada. Portanto, se tornam protagonista do processo de ensino e de aprendizagem, esse saber não fica só na mão do professor e sim é compartilhado com os alunos.

[...] o aprendiz é um sujeito, protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, alguém que vai produzir a transformação que converte informação em conhecimento próprio. Essa construção, pelo aprendiz, não se dá por si mesma e no vazio, mas a partir de situações nas quais ele possa agir sobre o que é objeto de seu conhecimento, pensar sobre ele, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas. (WEISZ, 2001, p. M1U2T5).

A escrita coletiva é uma situação de ensino e de aprendizagem que deve estar dentro de uma sequência didática, pois se não o for, acaba sendo uma atividade escolarizada. Portanto, a escola deve ensinar conteúdos que são importantes fora dela, isto é, que possuem função social.

¹ Entendemos como professor regente o professor responsável por uma turma. Ou seja, é o profissional que ocupa o cargo de professor de determinada turma, em determinada escola.



2. ETAPAS DA PRÁTICA DE ESCRITA COLETIVA

Os procedimentos da escrita coletiva preveem que os alunos estejam sentados em suas carteiras e que, gradativamente, sejam chamados à lousa para escrever determinada palavra que faz parte do contexto da sequência didática. Um por vez, não de forma aleatória, vai até a lousa e escreve a palavra de acordo com sua hipótese de escrita e, após isso, justifica a escolha das letras constituintes de sua escrita. Na medida em que os alunos vão sendo chamados, o professor os questiona sobre a sua escrita e também a dos colegas, já grafadas na lousa. Nesse momento, o professor não objetiva questionar qual está certa ou errada, mas problematizar as possíveis semelhanças e diferenças, para que os alunos reflitam sobre o que estão escrevendo. Por essa razão, durante o processo, nenhuma escrita é apagada, pois elas servem, fundamentalmente, para possibilitar a reflexão entre as próximas crianças chamadas e a classe como um todo.

Algumas condições didáticas são fundamentais para o sucesso da atividade, entre elas: o professor saber quais são as hipóteses de escrita dos alunos, porque esse saber do professor possibilita que ele planeje quais serão os alunos que vão ser chamados até a lousa e em qual ordem esses alunos irão. Pois, para que essa atividade se torne uma boa situação de ensino e de aprendizagem é de fundamental importância que tenha uma ordem de escrita, ou seja, o professor chama à lousa as crianças com menor nível de compreensão do sistema de escrita até que se chegue às crianças que já compreendem o sistema de escrita alfabética.

O professor, ao planejar essa ordem de chamada das crianças à lousa, deve ter como critério as hipóteses de escrita dos alunos, conforme Ferreiro (1990, p. 4) organiza por períodos:

- O primeiro período caracteriza-se pela busca de parâmetros de diferenciação entre as marcas gráficas e as marcas gráficas não figurativas, assim como pela formação de séries de letras como objetos substitutos, e pela busca de condições de interpretação desses objetos substitutos.
- O segundo período é caracterizado pela construção de modos de diferenciação entre o encadeamento de letras, baseando-se alternadamente em eixos de diferenciação qualitativos e quantitativos.
- O terceiro período é o que corresponde a fonetização da escrita, que começa por um período silábico e culmina em um período alfabético.

Estes períodos são subdivididos em: garatuja, fase em que as crianças se utilizam de gravuras (desenhos, ondas, ziguezagues, traços) para a representação da escrita; pré silábica, fase em que as crianças sabem que se utiliza de letras para escrever, porém as utiliza de forma aleatória em suas produções; silábica sem valor sonoro convencional do sistema de escrita, fase em que as crianças sabem que a escrita representa a fala e já fazem a adequação fala e escrita, mas ainda não utiliza o valor sonoro convencional correspondente; silábica com valor sonoro convencional do sistema de escrita, fase em que as crianças sabem o valor sonoro convencional, mas ainda utiliza apenas uma letra para representar o som de cada sílaba; silábica alfabética do sistema de escrita, fase em que as crianças fazem uso do valor sonoro convencional e já estão se utilizando de duas



letras para representar a sílaba, mas ainda não fazem isso em todos os seus escritos, está em transição para o sistema de escrita alfabético onde estes já fazem uso da forma convencional da escrita alfabética, podendo, porém, ainda apresentar erros de ortografia.

A partir da concepção de Ferreiro (1990), o professor poderá pensar em atividades que permitam desafios possíveis para cada fase de escrita.

Para a escrita coletiva se constituir como um objeto de aprendizagem aos alunos é preciso considerar os saberes que os alunos têm, e isso pode ser feito por meio da sondagem diagnóstica e da observação atenta do professor tendo em vista os saberes de seus alunos. Isso proporciona um planejamento mais eficiente de quem e em qual ordem o professor irá chamar e quais perguntas irá realizar para os alunos, considerando o que já sabem e o que ainda precisam saber.

Pensando em uma criança pré-silábica e no que ela já sabe, podemos considerar que já possui alguns saberes fundamentais para aquisição do sistema de escrita, ou seja, já sabe que para escrever utilizamos letras, o qual já possui um bom repertório delas para escrever. Entretanto, para se obter um avanço, este aluno precisa compreender que a escrita representa a fala, portanto, precisa assegurar a quantidade de letras à escrita da palavra. Não é esperado que essa criança se torne alfabética, dê um pulo tão alto em relação a construção do sistema de escrita, mas que avance paulatinamente diante dos conhecimentos que se têm e os que ainda precisa saber.

Para as crianças que escrevem com hipótese de escrita alfabética essa é uma atividade que possibilitará a reflexão sobre a ortografia das palavras, pois é preciso deixar claro que esse trabalho não prevê chegar à escrita convencional para os alunos que ainda não dominam o sistema alfabético de escrita. Os combinados com os alunos de diferentes turmas para o trabalho com sistema de escrita se faz necessário, pois, se isso não ocorrer, a participação dos alunos que já dominam o código pode minimizar o processo de reflexão do sistema de escrita pelos alunos que ainda não o construíu, objetivo específico dessa situação didática.

3. PESQUISA DIDÁTICA: APLICAÇÃO DE UMA ATIVIDADE COM ESCRITA COLETIVA

A partir dessas reflexões sobre a importância de como desenvolver a escrita coletiva, elaboramos e desenvolvemos atividades com enfoque nessa prática de alfabetização, de forma a refletir sobre a importância da integração grupal na aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

Para a realização da pesquisa didática, foi necessário, de início, um estudo sobre em que consiste a escrita coletiva e quais aspectos devem ser observados no momento de sua aplicação. Por meio de pesquisa bibliográfica sobre o assunto, fizemos diversas leituras para que depois pudéssemos refletir sobre aplicar e desenvolver, na aplicação da atividade, as questões teóricas estudadas.

Posteriormente a essa etapa de estudo, entrevistamos o professor regente da turma para que analisássemos suas concepções a respeito da prática de escrita coletiva. Essa etapa foi bastante importante, pois por meio dela foi possível detectarmos como o professor regente vê a atividade de escrita coletiva e se esse tipo de atividade havia sido realizada em situações anteriores. Também por meio da explanação do professor regente, no momento da entrevista, pudemos aprofundar nossos conhecimentos sobre as



questões relacionadas à alfabetização, sobretudo, as específicas da turma com a qual aplicamos a atividade.

Depois da entrevista realizada com o professor regente, realizamos planejamento da aula a ser desenvolvida e aplicada. A partir disso, estabelecemos alguns procedimentos fundamentais para uma boa situação de ensino e aprendizagem. Os procedimentos que estabelecemos foram os seguintes:

- realização da sondagem dos alunos para sabermos suas hipóteses de escrita;
- Inserção da prática de escrita coletiva dentro de uma sequência didática denominada “Bichodário”, a qual consiste em uma adivinhação do nome de animal por meio de suas características. Em seguida, a professora, de acordo com a hipótese de escrita de cada aluno, os chama à lousa para realizar a escrita do nome desse animal;
- escolha adequada da palavra para que a criança possa refletir sobre o sistema de escrita;
- as intervenções (boas perguntas) do professor, visando a ajudar os alunos a avançarem em suas reflexões;
- escolha da atividade desenvolvida por um aluno, para análise das contribuições do uso da escrita coletiva.

Depois do planejamento da atividade que desenvolveríamos, sob a supervisão do professor regente, aplicamos essa atividade, a fim de poder analisar os resultados obtidos na formação das crianças, em especial no aprendizado da leitura e da escrita.

A atividade aplicada com os alunos foi gravada e, posteriormente, fizemos a transcrição das falas das crianças e do professor. Esse recurso foi adotado para que pudessemos analisar de modo mais detalhado como ocorreu o processo de reflexão da escrita embasado na interação grupal e como essa atividade de fato contribuiu para o avanço dos alunos no que concerne à compreensão do sistema de escrita alfabético.

Passamos, então, a relatar como foi conduzida a atividade e quais resultados foram obtidos.

Numa primeira situação, após explicarmos qual seria a atividade do dia, chamamos um dos alunos para escrever na lousa a palavra “macaco”. Ao se dirigir à lousa, esse aluno grafou a palavra da seguinte forma: “AHS 11”.

Por ter sido diagnosticado anteriormente que esse aluno tinha hipótese de escrita pré-silábica, fomos realizando intervenções e solicitando que ele lesse o que escreveu. Embora a escrita não correspondesse, de fato, à palavra “macaco”, o aluno fez a leitura como se estivesse escrito dessa forma. Ainda nesse processo, fizemos perguntas ao aluno, tais como, “você acha que está certo assim?”, “Não quer mudar nada?”, “Leia de novo”. Com isso, nosso objetivo era de possibilitar que esse aluno iniciasse o processo de reflexão sobre o sistema de escrita, sobretudo, na correspondência fonema grafema.

Após o processo de intervenção direta com esse primeiro aluno, solicitamos que todos os outros observassem como ele havia escrito a palavra “macaco”, como forma de também levá-los a pensar sobre o sistema de escrita e levantar suas hipóteses.

Em continuidade à atividade, chamamos à lousa uma segunda aluna. Nesse caso, solicitamos que ela analisasse a escrita do aluno anterior e nos dissesse o que ela achava. Prontamente ela respondeu que não estava correto e, então intervimos e solicitamos que explicasse o porquê considerava que a escrita da palavra “macaco”,



feita pelo primeiro aluno, não estava correta. Conforme fala dessa aluna, o erro era “porque tem outro tipo pra escrever”. Com isso, solicitamos que esse aluno escrevesse na lousa como é que ela achava que era a forma correta de escrita da palavra “macaco”. Essa aluna grafou a palavra da seguinte forma na lousa: “MHTA”. Embora não grafada da forma convencional, no momento em que pedimos para essa aluna fazer a leitura do texto ela pronunciou da forma correta, silabicamente.

Após a leitura feita pela própria aluna, intervimos consultando-a se achava que estava correta forma como ela escreveu. Imediatamente essa aluna acrescentou outra letra ao final, ficando assim grafada a palavra: “MHTAA”.

Embora a escrita da palavra “macaco” feita por essa aluna ainda não estivesse na forma convencional, foi possível observar que ela tinha muitos conhecimentos e saberes. Apesar de ainda não ter aprendido por completo o sistema de escrita alfabético, ela já se assegurava da quantidade de letras correspondentes às sílabas, além de muitos outros conhecimentos que foi demonstrando em relação à escrita.

Com a escrita desses dois alunos, demos prosseguimento à atividade com os demais alunos da turma.

O aluno que chamamos na sequência foi instigado a pensar sobre as escritas que já constavam na lousa. Para isso, fizemos perguntas, como: O que você acha das escritas que estão na Lousa, você pode escrever diferente? Quais letras você usaria para escrever “macaco”.

Esse processo de voltar às escritas anteriores deve-se ao fato que com a intervenção do professor e a suscitação de questionamentos os alunos podem refletir sobre o sistema de escrita e reelaborarem os conhecimentos que possuem com os que estão adquirindo no momento da execução da atividade.

No caso desse terceiro aluno, após os questionamentos que fizemos, ele pensou um pouco sobre o que já estava escrito e, em seguida, grafou a palavra “macaco” da seguinte forma: MAERO.

Após ele registrar como pensava ser a palavra macaco, solicitamos que lesse o que havia escrito. Como nas situações anteriores, apesar da escrita não corresponder à imagem acústica da palavra “macaco”, esse aluno a leu normalmente. Diante dessa situação e a fim de levá-lo a pensar sobre o que havia escrito, perguntamos se ele queria mudar algo em sua escrita e a resposta dele foi negativa.

Com o objetivo de envolver os demais alunos nessa situação, aproveitando que havia três formas diferentes de grafar a palavra “macaco” na lousa, perguntamos aos demais alunos se era possível escrever essa mesma palavra de outra forma. Diante de nossa pergunta, os alunos responderam que sim e, então, aproveitamos para convidar outro aluno para também escrever a forma que considerava a mais correta para a escrita da palavra “macaco”.

Consultamos o quarto aluno sobre o que pensava das escritas anteriores, se ele mudaria algo ou se achava que estavam corretas. Esse aluno respondeu que não estava muito correto. Então solicitamos a ele que tentasse ler o que estava escrito, e ele soletrou as letras. Aproveitando o ensejo de que ele considerava que as escritas anteriores não estavam corretas, solicitamos que escrevesse a palavra “macaco” da sua forma.

Antes de ele iniciar sua escrita, ele nos questionou sobre como se fazia algumas letras, como o “H” e depois grafou a sua escrita da seguinte forma: AHO. A escrita desse aluno possibilita compreender que, diferentemente dos anteriores, ele está em



processo de compreensão da correspondência sonora das letras. Quando solicitamos que ele lesse o que tinha escrito, sua leitura seguiu-se da seguinte forma: A(ma) H(ca) O(co).

Embora esse aluno apresente valor sonoro convencional em sua escrita, solicitamos que ele pensasse se estava correto o que escreveu e o consultamos se queria alterar algo. Como os demais, ele não quis fazer alterações.

Em continuidade à atividade de escrita coletiva, chamamos à lousa outro aluno. O aluno escolhido para ir à lousa nesse momento foi um aluno já com escrita alfabética. Essa escolha se deveu ao fato de que, com sua escrita, os demais poderiam confrontar como escreveram os que tinham ido à lousa e como esse aluno alfabético escreveu. Importante destacar que não foi explicitado aos alunos que esse último já sabia escrever alfabeticamente. Essa foi uma reflexão que elaboramos durante o planejamento da atividade.

Embora os alunos não soubessem que esse último sabia escrever alfabeticamente, ao compararem a sua escrita e forma de ler com a dos demais, poderiam formular algumas hipóteses de escrita, até mesmo para questionar e verificar se estava correta a forma que esse aluno alfabético utilizou.

Quando esse aluno escreveu a palavra “macaco” e fez a leitura, um dos alunos interrompeu e perguntou se era um “M” a primeira letra. Além disso, ele perguntou se macaco se escrevia com a letra “M”, pois observou que todos que foram à lousa haviam utilizado essa letra.

Essa situação demonstra que os objetivos propostos com a escrita coletiva foram atingidos. Ao observar como os colegas, mesmo não alfabetizados, escreveram a palavra solicitada, um dos alunos (e possivelmente outros, sobretudo após a intervenção desse que se manifestou) entrou em conflito cognitivo, que resultou na reflexão e associação de um dos fonemas da palavra “macaco” com a letra correspondente: “M”.

Esse aluno que se manifestou foi um dos alunos que havia ido até a lousa e, por conta desse processo de reflexão que passou a desenvolver com a escrita coletiva, optou por mudar a sua escrita. Esse aluno havia grafado a palavra “macaco” da seguinte forma: AHO. Após suas reflexões, ele optou por mudar/corrigir sua escrita. Inicialmente, acrescentou a letra “M”, depois optou por acrescentar a letra “K” e, por fim, acabou grafando da seguinte forma: “MOKO”.

Os aspectos aqui relatados mostram a importância da atividade de escrita coletiva e os conflitos cognitivos que elas geram. Com isso, os alunos podem avançar em suas hipóteses de escrita, repensando o que haviam escrito e reelaborando os critérios que utilizaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa pudemos refletir sobre muitos pontos positivos na utilização da escrita coletiva. Quando observamos a prática na sala de aula temos uma visão geral da situação, tanto do papel do professor como do avanço no sistema de escrita dos alunos.

Ao analisar a entrevista com a professora, notamos que ela compreende o objetivo dessa prática. Segundo ela, “É uma atividade onde todos os alunos irão ‘pôr em



jogo' tudo que sabem e pensam a respeito da escrita". Vale ressaltar que o tempo de duração dessa atividade foi bastante adequado, pois não ultrapassou 20 minutos.

A partir de nossa vivência no momento de aplicação da atividade e da posterior análise do vídeo, concluímos que houve um avanço significativo por parte dos alunos. Mesmo no caso dos que não se manifestaram verbalmente, suas expressões mostravam todo o esforço intelectual e cognitivo que estavam desempenhando durante a atividade.

Desta forma, observando como as crianças aprendem, compreendemos que o aluno é protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, porém não se dá apenas por si só, mas a partir da interação com o outro, sendo assim constrói e reconstrói seu conhecimento a cerca do sistema de escrita.

Cabe ressaltar aqui que o objetivo dessa atividade de escrita coletiva na educação infantil não é de levar esses alunos a concluir essa etapa de escolarização já alfabetizados. O objetivo é permitir que eles tenham acesso ao mundo escrita, já que o mesmo faz parte do cotidiano das crianças. Salientando que essa situação não foi imposta obrigatória, e sim de forma espontânea, significativa à realidade dos alunos, dentro de um contexto social.

Desta forma, podemos garantir que a escrita coletiva, de fato contribui para a reflexão do aluno sobre o sistema de escrita. Observamos que houve um grande avanço desde 2013, onde iniciamos nossas pesquisas, até os dias atuais. As escolas estão garantindo esta prática com as crianças e, o mais importante, a postura do professor e as intervenções necessárias para que haja de fato uma produtividade com relação ao desenvolvimento do sistema de escrita pelas crianças. Desta forma, mais uma vez, destacamos a importância da prática da escrita coletiva, dentro das escolas.

REFERÊNCIAS

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. **Os processos de leitura e escrita**: novas perspectivas. Trad. Luiza Maria Silveira. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1987.